

A CRUZADA DOS OCEANOS

Volume I — As Águas que Julgam



CAPÍTULO 1

Do Porto à Deriva

— Onde o mundo começa e o homem ainda não sabe quem é —

I. SEPMONTA BLUHAVENO — ONDE O MUNDO COMEÇA / II. A HERANÇA E O PREÇO
— O QUE SE DEIXA PARA TRÁS / III. A PROPOSTA — O BRILHO DO CREPÚSCULO / IV.
O EMBARQUE — DE PÉ / V. O ESTREITO DOS DOIS MUNDOS — GEOGRAFIA DE
PRESSÁGIOS / VI. AS ÁGUAS RASGADAS — O INÍCIO DA QUEDA / VII. O FAROL NA
TEMPESTADE — O HOMEM QUE ESPERAVA / VIII. À DERIVA — O NAUFRÁGIO DA
ALMA

O porto não dormia nunca. **Jamais.**

Mesmo quando a noite descia sobre Akvon como um manto pesado de chumbo e sal, ela apenas transformava a cor das coisas — não sua essência, não seu pulso inquieto. O couro curtido dos fardos empilhados nas docas. O ferro das correntes ainda quentes do dia. A madeira úmida impregnada de alcatrão e memória de tormentas. O sal que pousava sobre tudo como neve amarga, como a marca permanente que o Mar do Meio deixava nos homens e nas coisas que ousavam viver perto demais de suas margens.

Tochas acesas ao longo do cais desenhavam rios de luz tremulante sobre as pedras escuras, transformando cada poça d'água numa janela para outro mundo. Ao longe, *o mar parecia um animal enorme e adormecido* — não domado, nunca domado —, respirando pesado nas trevas, soltando rajadas de espuma branca contra os pilares do cais como quem testa correntes antes de romper amarras. A água era a matéria que moldava Akvon em sua totalidade: seu grilhão e sua liberdade, seu meio de queda e de ascensão, sua maldição e sua graça.

Havia mastros demais para contar. Uma floresta vertical de lanças contra o céu — pinheiro do norte, carvalho do interior, madeiras estranhas trazidas de continentes sem nome oficial nos mapas das guildas. Cordas vivas cantavam com o vento constante, uma música tensa e salgada que os nascidos no porto nem mais ouviam. Velas enroladas como serpentes adormecidas, amordaçadas com barbante encerado, à espera do sinal para se desdobrarem em asas imensas sob os ventos caprichosos de Akvon. Bandeiras de reinos rivais tremulavam na mesma brisa, tão próximas que quase se tocavam — e naquele lugar isso não era paz, não era diplomacia. Era apenas comércio. O único idioma universal que os mares compreendiam além do idioma geral ou “língua da esperança”.

— *Afastem-se! Água doce! Água doce!*

Um estivador de ombros como troncos de árvore arrastava um carrinho de barris com roldanas rangentes, sua voz rouca rasgando o burburinho do cais sem o menor esforço. Pescadores exibiam o que o mar havia devolvido — ou o que retiravam dele com grande dispêndio de vida e saúde. Cruzados veteranos carregavam caixas lacradas com selos antigos, jurando reconquistas que a maioria dos presentes já não lembrava mais por inteiro, apenas pelos fragmentos que os avós costumavam recitar junto ao fogo. Aprendiz de cartógrafos corriam com

rolos de pergaminho que pareciam secretos porque estavam atados com fita vermelha sobre selos de cera.

Acima de uma das muradas de pedra escura e limo que bordeavam o cais principal, inclinado com grande destaque para quem chegava pelo mar, havia um mapa monumental do *Mar do Meio* elaborado com cacos de ladrilhos coloridos lindamente assentados — obra certamente realizada por uma aliança improvável de guildas de cartógrafos e artistas, financiada por algum mecenas endinheirado que entendia o valor político de ser o primeiro rosto que os viajantes viam ao chegar. Era assim que a maioria chamava aquelas águas centrais, mas o reino dos homens que as bordeava tinha nomes mais antigos e solenes: *Racio Maro* na língua das guildas mercantes, ou *Homa Maro* no dialeto mais antigo dos pescadores da costa sul, cujos avós diziam ter chegado às margens muito antes que qualquer rei assentasse seu trono.^[1]

Em um canto próximo ao armazém de sal — cujo odor mineral impregnava o ar num raio de cinquenta passos —, um pequeno altar improvisado recebia *Guildens* e outras moedas, promessas sussurradas e às vezes algumas mechas de cabelo presas com linha encerada. Um velho sacerdote de mãos trêmulas e olhos vivos molhava os dedos numa pequeníssima tigela de água trazida de alguma fonte interior, misturada a óleo essencial das espécies do 2º mar de baixo, e tocava com extrema suavidade a testa de cada marinheiro antes do embarque, proferindo bênçãos em voz quase inaudível.

— Que a **Voz Verdadeira** te cubra... — murmurava ele, como se temesse que dizê-las alto demais atraísse o exato contrário. Os Mares de Cima tinham guardiões ciosos mas também adversários obstinados.^[2]

Nem todos os que passavam por ali eram simpáticos às guildas que serviam e buscavam as águas de cima. Alguns franziam o cenho. Outros cuspiam discretamente para o lado.



O protagonista observava tudo aquilo com um tipo de fome que não era de comida.

Era fome de vida. Fome de estar no centro do mundo — não como espectador, mas como força. Como nome que outros pronunciassem com alguma mistura de respeito e receio.

Ele tinha vinte e poucos anos e o rosto já marcado por dias demais ao sol e por noites curtas demais para o repouso necessário. Olhos castanhos-escuros, atentos demais para alguém que dizia não acreditar mais em presságios. Os cabelos, da cor da madeira escura que o pai usava para os cascos de barco, estavam presos descuidadamente atrás da nuca com um pedaço de barbante. Vestia roupa de trabalhador — resistente, pouco elegante, honesta. E carregava uma inquietação que parecia maior do que a própria cidade, maior do que o próprio porto que se espalhava ao redor dele como um organismo vivo, voraz e indiferente.

Do alto do cais, era possível ver as correntes. Não apenas as que corriam na superfície da água, mas as que moviam os homens. Porque Akvon era assim — o mar moldava a política, e a política moldava almas. Ali, onde as rotas do mundo convergiam e divergiam como nervos de um corpo gigantesco, o mundo se dividia em três camadas invisíveis que todos sentiam mas poucos ousavam nomear em voz alta:

Os 3 Mares de Cima, que ninguém tocava com as mãos, mas que alguns — os mais serenos, os mais perseverantes, os mais custosos — juravam ouvir com o coração em noites de grande silêncio.^[3]

O **Mar do Meio**, onde se vivia, lutava, negociava, amava, traía e morria. A faixa inquieta e barulhenta onde as escolhas tinham peso real, consequências que duravam gerações.

E os 3 **Mares de Baixo**, que eram a promessa fácil e veloz: poder imediato, riqueza que chegava antes do merecimento, a "realidade" nua e crua que os cínicos preferiam, convictos de que toda elevação era ilusão e toda profundidade era, no fim, mais honesta.^[4]

As guildas e facções eram as pontes entre essas camadas. Algumas pontes subiam. Outras desciam. E muitas delas estavam construídas de modo a parecer que subiam enquanto, na verdade, conduziam lentamente para baixo.



O protagonista já conhecera, na infância, pontes que subiam. Lembrava-se do cheiro da oficina do pai — serragem fresca, resina de pinheiro, o suor honesto de mãos que sabiam o que faziam. Lembrava-se do ritmo cadenciado da plaina deslizando sobre a madeira verde enquanto a voz grave do pai recitava, quase como oração, os princípios que o velho considerava tão sólidos quanto o carvalho com que trabalhava:

— Não é o ouro que sustenta um navio, meu filho. É a verdade do trabalho. Um casco construído com pressa afunda com seus homens. Um casco construído com atenção vence cem anos de tempestade.

— E a verdade não tem pressa, completava a mãe sem levantar os olhos das velas que costurava com mãos firmes e agulhas grossas. Ela costurava como quem escreve: com método, com intenção, com a consciência de que cada ponto mal dado pode custar uma vida no momento errado. *— Nossa vida é assim, filho, cheia de pequenos pontos que parecem insignificantes mas que fazem toda a diferença no tecido da vida.*

Eles pertenciam a uma guilda antiga — não poderosa, não influente nos grandes salões onde se decidiam rotas e tarifas, mas respeitada entre os que entendiam de cascos e ventos. Aquelas pessoas falavam sobre vocação como se fosse algo tão concreto quanto uma bússola: um chamado que não se escolhe por conveniência ou desejo imediato, mas que se segue por fidelidade, porque a alternativa é perder-se completamente, mesmo que se pareça, por algum tempo, ter achado um caminho mais fácil.

E ele, o filho deles, havia se cansado disso. Cansou-se de ser "promessa". Cansou-se de esperar que o trabalho silencioso e honesto o levasse a algum lugar visível. Queria ser um nome, qualquer nome, mas um nome que marcasse — que fizesse pessoas virarem a cabeça quando pronunciado. Queria que o mundo o olhasse como olhava para os capitães dos grandes estandartes que chegavam ao porto com porões cheios e tripulações que obedeciam por escolha, não por medo. Queria aquilo que o porto oferecia todos os dias a quem tivesse coragem suficiente para pagar o preço que ele exigia.

Naquele dia, o porto ofereceu o preço embrulhado em seda cor de noite.



A reunião havia acontecido numa sala acima de uma casa de chás que ficava a três ruas do cais — o tipo de lugar que serve chá excelente porque sabe que, para fechar certos acordos, é necessário que as pessoas estejam levemente adormecidas em sua desconfiança, até que ela cedesse lugar ao desejo. Os vidros das janelas tinham a tonalidade do âmbar envelhecido, transformando a luz da tarde em algo mais morno e convidativo do que era. A fumaça perfumada dos cachimbos que ardiam nas mesas mais afastadas envolvia o ambiente numa neblina suave que tornava qualquer rosto um pouco mais confiável, qualquer proposta um pouco menos absurda.

Três homens o aguardavam ao redor de uma mesa de madeira escura polida como espelho. Nenhum deles usava máscara, nenhum disfarce, nenhum capuz — e isso era parte do truque, ele compreenderia mais tarde. O poder verdadeiro não precisa se esconder. Apenas precisa de intermediários à vista para o trabalho sujo enquanto permanece nas sombras.

O do meio falava com uma calma que só pertence a quem nunca precisou carregar nada com as próprias costas. Mãos limpas, roupa cara sem ser ostensiva, olhos que avaliavam sem demonstrar suspeição.

— *Você é o filho de bons construtores.*

Nosso protagonista manteve a postura — coluna ereta, ombros abertos, pé firme no chão. A posição de lagosta, chamava-se. Quem aprende no porto aprende cedo que a coluna é a primeira coisa que os outros leem.

— *Sou o filho de gente esquecida.*

O homem sorriu levemente, como se aquilo fosse um elogio elaborado.

— *O esquecimento é um tipo de pobreza, sim. Nós podemos corrigir isso.*

Uma bolsa de couro foi colocada sobre a mesa. Não caiu com o som característico de moedas — caiu com o peso surdo de algo que havia sido cuidadosamente planejado. O som do destino quando ainda não sabe que é destino.

— *As crendices de seus pais não lhe serão úteis nesta empreitada, rapaz. Mas a formação que lhe deram pode sim servir de algo.*

O protagonista não tocou a bolsa. Mas sentiu seu peso através da mesa — o peso real do que estava sendo oferecido e o outro peso, o invisível, que era o custo de aceitá-lo. O custo de afastar-se, talvez de forma irreversível, dos valores que havia recebido como herança. O custo de unir-se a uma facção cujo único deus reconhecível era o poder transitório da riqueza acumulada sem escrúpulo.

— Existe uma rota, continuou o homem, tomando o silêncio do protagonista por assentimento. — Uma travessia curta. Um lucro **muito** grande.

— *Para onde?*

— *Para além do que os cartógrafos oficiais têm coragem de desenhar.*

Uma pausa. O chá esfriou na xícara.

— *Mares de Baixo.*

— *Você diz isso como ofensa. Nós dizemos como oportunidade.*

O protagonista engoliu em seco. Lembrava das histórias que os pais contavam em voz baixa, nas noites em que o vento batia com mais força nas venezianas: facções ou mesmo guildas desviadas que falavam de "ascensão rápida" mas que, na verdade, queriam arrastar pessoas para correntes mais densas, mais difíceis de nadar de volta.

— *Por que eu?*

— *Porque você tem o que não se ensina — e o que falta, nós ensinamos.*

— *E qual é o tipo certo?*

— *O tipo que não se satisfaz com o que lhe deram de herança.*

O silêncio que se seguiu tinha textura. O homem completou, com a suavidade específica que oferece absolvição antes do pecado ser cometido:

— Há uma empresa neste mundo que diz servir aos Mares de Cima e que busca subverter a velha ordem das rotas. Chama-se **Luminavio**.^[5]

O nome soou dentro dele como uma sineta em câmara vazia.

— *Henrique D'Aurora — disse o protagonista, involuntariamente, como se o nome tivesse sido puxado de dentro dele por uma força externa.*

— Um mito vivo, confirmou o homem, sem alterar a expressão. — O velho navegador quer controlar as rotas para os novos continentes do ocidente e do oriente com promessas difíceis de superar porque estão baseadas no fideísmo de seus seguidores. Ele usa das crenças antigas e muitos a seguem pelo medo de serem tragados no levante da maré. Nós não temos medo. *Nós temos números.*^[6]

O jovem lembrou do farol que avistara uma vez, de longe, num promontório rochoso um tanto após o estreito, que os mapas chamavam de Promontório Silenciado. As luzes que diziam ser capazes de orientar correntes favoráveis, agraciadas por um conhecimento dos mares de cima que vinha de uma tradição mais antiga do que qualquer guilda mercante.

— Ele não é apenas medo... — fez uma pausa. — É a única promessa de que se pode ir para cima também — murmurou, quase para si mesmo.

— Ele é um obstáculo — respondeu o homem, com a finalidade de quem já encerrou debates mais longos do que esse. — E você, meu jovem, pode escolher. Ser obstáculo ou ser passagem. Ou está conosco, ou estará, em algum momento, com ele. Isso é certo. Não existe meio-caminho em Akvon, não quando se trata das grandes rotas. O mar não permite neutralidade por muito tempo.

Dentro da memória, a voz do pai:

"A verdade não tem pressa."

E uma voz mais recente, mais quente, mais sedutora — que parecia vir de dentro do próprio peito:

"Mas a vida tem."

A bolsa foi empurrada alguns centímetros em sua direção.

— Qual é o navio?

O homem do meio sorriu de verdade pela primeira vez.

— Aurora Negra.

O nome foi uma provocação perfeita: roubar a luz e pintá-la de sombra.



O Aurora Negra aguardava preso ao cais como um predador treinado para a paciência. O casco era escuro, sim, mas não apenas por tinta fresca — era a escuridão específica de madeira que havia visto tempestades de verdade e sobrevivido a cada uma cobrando um preço silencioso. As pranchas traziam cicatrizes de sol e sal, marcas que não eram fraqueza mas memória endurecida. As velas estavam dobradas com a precisão de quem as cuida como instrumento de precisão, tingidas de azul tão profundo que beiravam o negro na luz do entardecer. Os cabos eram novos — esse detalhe incomodava levemente, como roupa boa demais para a ocasião. O convés, limpo demais para um navio de trabalho real.

Não era navio de pescador. Era navio de contrato.

O protagonista subiu a prancha de embarque devagar. Cada passo sobre aquela madeira inclinada era mais do que um passo — era uma escolha que se consolidava sob seus pés. Em Akvon, os instantes pequenos eram os que separavam uma vida da outra. Atravessá-la era uma tentativa a mais de cortar os fios que o prendiam ao passado, mas o coração pesava como âncora fundida no porto de onde viera.

Ao pisar no convés, sentiu o vento mudar de qualidade. Como se o navio — ou algo no mar ao redor do navio — reconhecesse quem estava chegando e tomasse um momento para decidir sua posição a respeito.

Observou a tripulação com o olho de quem foi ensinado desde criança a ler estruturas antes de confiar nelas. Havia algo naqueles homens que não era imediatamente nomeável mas que a percepção registrava antes que a razão chegasse: uma certa opacidade nos gestos, como vidro que foi aquecido e resfriado demasiadas vezes e perdeu a transparência original sem quebrar. Trabalhavam com competência exata — nenhum movimento desperdiçado, nenhuma hesitação — mas havia na competência deles qualquer coisa de instrumento afinado para uma única nota. Homens que sabiam muito bem o que faziam e há muito haviam parado de perguntar por quê.

Havia exceções. Três, talvez quatro, que ele encontraria mais tarde no porão — distribuídos pelo convés com a casualidade de quem foi colocado ali sem saber que estava sendo colocado. Tinham o mesmo treinamento dos outros, a mesma firmeza de movimentos, mas uma certa luz nos olhos que ainda não havia

sido completamente calibrada para aquela tonalidade. Reconheceu neles, sem palavras, algo que reconhecia em si mesmo: a fome de quem foi recrutado antes de ser completamente formado, e que ainda não sabe que essa é precisamente a razão pela qual foi escolhido.

Ninguém lhe havia dado função. Subira a bordo com nome de contrato e bolsa de adiantamento, e ninguém, desde o momento em que pisara no cais, havia lhe dito onde se pôr nem o que fazer. Para um homem acostumado a ganhar seu lugar pelo trabalho, isso incomodava com uma especificidade difícil de localizar — não era insulto, não era esquecimento. Era intenção. A ausência de tarefa era, ela própria, a tarefa.

Um marinheiro baixo e largo de ombros passou carregando um enrolado de cordas e lançou um olhar rápido e avaliador. Não era hostilidade. Era a medição silenciosa e imediata que os homens do mar desenvolvem quando dependem uns dos outros em situações onde um segundo de hesitação pode ser fatal.

— Primeira travessia? — perguntou o marinheiro sem parar o trabalho, os nós em suas mãos continuando sozinhos, independentes dos dedos que os faziam.

— A primeira que importa — respondeu o protagonista.

O convés estava em movimento constante e coordenado. Homens agachados puxavam cabos com as costas inclinadas sobre a madeira, verificavam barris, apertavam cunhas nas tábuas do piso com malhos de madeira. O navio estava prestes a soltar as amarras e todos sabiam que os últimos minutos antes da partida eram os mais tensos — o momento em que erros descobertos têm ainda a chance de ser corrigidos. O cheiro denso de alcatrão e maresia impregnava cada fibra do ar.

Quase todos os homens estavam curvados sobre alguma tarefa — joelhos dobrados, costas inclinadas, mãos ocupadas, próximos à madeira do convés como quem se curva diante de algo maior do que si mesmo. Era a postura natural de quem fez do mar seu ofício: baixo, firme, respeitoso.

Apenas ele permanecia de pé. Não por orgulho deliberado. Nem por descuido. Era simplesmente que ainda não sabia onde se encaixar naquela

engrenagem de homens que pareciam conhecer cada rangido do casco pela nota, pelo lugar, pela hora.

Foi então que o capitão surgiu próximo ao leme.

Alto, ombros amplos como quem carregou âncoras durante anos de formação, pele curtida da tonalidade do couro velho que passou por água salgada e sol forte muitas estações demais. Os cabelos embranquecidos nas têmporas, aparados curtos com a faca que carregava na cintura. Os olhos — aquele tipo de vazio peculiar e tranquilo que pertence exclusivamente a quem já viu homens em profusão desaparecerem no horizonte e aprendeu, com o tempo, a não se surpreender.

— *Imediato!*

Mas o imediato estava agachado ao lado de dois homens examinando uma trava da escotilha, as mãos cobertas de graxa, e ousou.

— *Mais um minuto, capitão! — respondeu sem levantar a cabeça.*

O capitão bufou com a impaciência contida de quem sabe que o vento não espera por nenhum homem, por mais importante que seja. O navio tremia suavemente contra o cais, como animal que sente a proximidade da largada. O vento estava mudando. Era a hora.

Ele olhou ao redor. Tudo que via eram costas curvadas e mãos ocupadas. E então seus olhos encontraram a única figura ereta no convés — o recém-chegado, destacado sem querer entre corpos que conheciam sua função. O capitão estreitou levemente os olhos, com a expressão de quem mede a utilidade de um detalhe inesperado.

— *Ei. Você. O que está de pé.*

Alguns homens levantaram a cabeça por um instante, curiosos, e voltaram imediatamente ao trabalho.

— *Você mesmo. Se está de pé, é porque não tem nada melhor para fazer. Venha.*

Ele caminhou até o capitão sentindo vários olhares rápidos passarem por ele como ventos laterais — avaliadores, sem julgamento, apenas catalogando o novo elemento no sistema.

— *Nome?*

O protagonista hesitou. Algo nele ainda resistia a prender-se a um nome naquele navio, como se declarar quem era significasse aceitar definitivamente o destino que talvez ainda houvesse possibilidade de evitar. O silêncio se estendeu — um segundo, dois, três — e o capitão não preencheu esse espaço com paciência, mas com algo mais definitivo.

O capitão soltou uma risada curta e seca, como madeira estilhaçada.

— *Não importa. Tudo no mar muda rapidamente.*

Ele apontou brevemente para o convés, onde todos trabalhavam curvados.

— *Por enquanto, basta isso.*

Fez um gesto simples, quase preguiçoso — um apontar displicente do queixo na direção do homem de pé.

— *O nome dele é Dipé — gritou alto para que todos ouvissem.*

Alguns marinheiros riram baixo. Não era insulto — era simplesmente o modo como o mar batizava os recém-chegados: pelo que os distinguiu no exato momento em que eram notados. Era uma tradição tão antiga quanto os próprios portos de Akvon.

O protagonista abriu a boca por um instante — parou. Mas parou. Havia algo naquele nome improvisado que soava estranhamente correto. Pertinente de um modo que ele não soube nomear naquele instante.

De pé. Não curvado. Não dobrado. **Não ainda.**

— *Dipé... serve — pensou, finalmente.*

O capitão já voltava para o leme quando murmurou, quase para si mesmo, mas alto o suficiente para ser ouvido:

— *Vamos ver se continua assim quando o mar começar a falar.*

As amarras foram soltas uma a uma com o ruído definitivo de correntes liberadas. O Aurora Negra começou a se afastar do cais com a lentidão cuidadosa das partidas que sabem seu próprio peso. E o homem que havia embarcado sem nome agora carregava um.

Dipé.

Ele ainda não sabia — não podia saber —, mas aquele nome simples, nascido por acaso no convés de um navio prestes a entrar nas águas rasgadas do Mar do Meio, acabaria por significar algo muito maior do que qualquer título que ele pudesse ter desejado para si naquela tarde. Porque um dia, muitos homens se levantariam ao seu chamado. E para que isso acontecesse, ele precisaria permanecer exatamente como havia sido encontrado naquele momento:

de pé.

O som do porto ficando para trás chegava como fragmentos — cordas sendo soltas, madeira rangendo ao protestar contra a água, o grito distante de algum estivador. O Aurora Negra partiu.

Dipé na proa, com a bolsa de promessas ainda no peito, olhou para o horizonte à procura do futuro ali — sem perceber que o futuro já o observava de outra direção. Dois ou três dias de navegação o separavam do Estreito dos Dois Mundos.



A costa que marginava o Estreito dos Dois Mundos lembrava as terras de deserto que os livros de viagem descreviam nas prateleiras das guildas cartográficas — mas em Akvon o deserto nunca era silêncio: era vento em forma de língua, era pedra que contava histórias com cicatrizes, era ar carregado de areia e sal que abrasava a pele e aguçava os sentidos ao mesmo tempo.

Duna e rocha se alternavam ao longo da costa sul como cicatrizes antigas de batalhas geológicas que a memória humana já não alcançava, até o Promontório do Farol Silenciado. Casas brancas surgiam aqui e ali, raras e teimosas, agarradas aos declives com teimosia de coisa que resolveu durar — tinham aprendido gerações atrás que reclamar do vento é inútil — é melhor

construir paredes mais grossas. As janelas eram estreitas propositalmente, para não deixar o sal do Mar do Meio entrar e comer as madeiras internas.

Do lado oposto do estreito, ao norte, visível apenas nos dias mais claros como uma miragem que se recusava a desaparecer, torres de comércio erguiam-se como dentes de alguma criatura submersa — brilhando ao sol com o branco caro das pedras calcárias importadas, decoradas com estandartes coloridos de guildas cujos nomes mudavam mais rápido do que as estações. Não eram castelos de reis; eram fortalezas de contrato, arsenais de promessas negociáveis, arquivos vivos de dívidas que atravessavam gerações. Era *Sankta Promontoro*.

O **Estreito dos Dois Mundos** era a garganta do Mar do Meio: o ponto onde tudo que entrava e saía daquelas águas tinha de passar, pagar sua taxa ao tempo ou ao acaso, e torcer para que os ventos fossem simpáticos. As correntes ali eram traiçoeiras não por malícia da natureza, mas por disputa — água fria do norte encontrando água densa e quente do sul, as duas massas recusando-se a ceder, criando redemoinhos menores ao longo de toda a passagem. Vapores subiam da mistura das temperaturas, formando muralhas de neblina que apareciam e desapareciam em questão de minutos, fazendo a navegação um exercício permanente de fé e atenção.^[7]

E então, numa tarde em que o céu ficou da cor do cobre derretido — aquele amarelo queimado de fim de mundo que os velhos marinheiros chamavam de "luz de julgamento" —, o farol apareceu.

O *Promontório Silenciado*.

Uma torre de pedra negra sobre um afloramento rochoso que o mar havia esculpido durante séculos de ataque paciente. Erguia-se como um dedo acusador apontado para o horizonte — ou para o céu, dependendo do ângulo de quem olhava. Na base, anexos antigos que haviam sido construídos como ruínas e transformados em morada e noutras edificações. Pequenas luzes nos andares inferiores. E no topo, firme e inabalável como a convicção de alguém que não pede permissão para existir, tal qual seu ilustre senhor, um brilho de lanterna que não piscava, que não vacilava, que simplesmente estava. O Farol era a encarnação perfeita de Henrique D'Aurora, fundador da Luminavio.

Para o sul, a paisagem mudava de natureza como se o próprio mundo houvesse trocado de intenção. A rocha negra do promontório cederia lugar, em poucos quilômetros, a um território que parecia ter sido imaginado por alguém que nunca havia decidido se estava criando deserto ou jardim. Dunas imensas avançavam desde o interior em direção ao mar — brancas, de um branco que não era a cor do sal nem a do calcário, mas algo entre os dois, o branco específico de coisa que o vento poliu durante tempo suficiente para remover tudo que não era essencial. Erguiam-se em curvas suaves e depois em paredões abruptos, moldadas e remoldadas a cada estação a terra ali ainda experimentando formas, ainda sem conclusão sobre si mesma.

E nas depressões entre as dunas — nas dobras que o vento criava e o tempo aprofundava —, as lagoas. Cada uma diferente da anterior em tom e tamanho, como se cada uma houvesse recebido seu próprio temperamento: algumas de azul tão fundo que pareciam recortes do céu caídos e esquecidos na areia, outras de verde translúcido que tornava visível cada grão do fundo branco, outras ainda de uma cor que não tinha nome preciso em nenhuma língua de marinheiro porque não era a cor de nenhum mar que marinheiro algum houvesse navegado. A água doce chegava de baixo, invisível, saída das chuvas de meses anteriores que a areia havia guardado com a paciência específica das coisas que sabem esperar. Ali onde tudo deveria ser seco, onde a lógica das dunas prometia apenas sede — ali havia abundância escondida, reservada, disponível para quem soubesse onde ajoelhar e procurar.

Os pescadores locais chamavam aquilo de *as lagoas que o céu perdeu*. Os cartógrafos da guilda, menos poéticos e mais desconfiados do inexplicável, registravam *região de acesso irregular, hidrografia inconstante e a nomearam Blanka Dunmaro*. Henrique D'Aurora, segundo constava de alguns relatos que circulavam nas casas de chá do porto, havia passado trinta e três dias acampado naquelas dunas antes de sua primeira tentativa de navegar para os Mares de Cima. Ninguém sabia o que ele havia encontrado lá. Mas voltara com os olhos diferentes — do tipo de diferente que não é expressão, mas estrutura, como se alguma coisa por dentro houvesse sido reorganizada por mão que sabia o que estava fazendo.

Um marinheiro mais velho, de cicatriz longa na bochecha esquerda, fez o sinal antigo com dois dedos — o gesto que os antigos faziam para reconhecer o que não entendem completamente mas respeitam.

O capitão cuspiu para o lado.

— *Superstições.*

Dipé não conseguia tirar os olhos do farol. Era como se a luz o chamasse pelo nome que ele não havia ainda decidido se era seu — uma pergunta formulada em código de luz, endereçada a ele e a mais ninguém.

Foi o mais velho dos marinheiros que viu primeiro.

Havia na proa do Aurora Negra, formado sobre o mastro de guia como se houvesse decidido pousar ali com a naturalidade de um pássaro que reconhece seu galho, uma esfera de luz. Não era chama — não tinha o movimento inquieto do fogo, não consumia madeira nem corda, não produzia calor que os que estavam próximos pudessem sentir. Era outra coisa: luminescência contida, uma bola do tamanho de uma cabeça humana que flutuava a dois palmos acima da ponta do mastro com a estabilidade impossível de coisa que não obedece ao vento.

Azul-branca. Ou branca-azul. A cor que o relâmpago tem no décimo de segundo antes de morrer — aquele instante em que já não é raio mas ainda não é escuridão.

O velho marinheiro parou. Soltou as cordas que segurava. Ficou olhando com a expressão de alguém que esperou a vida inteira por aquilo e agora não sabia se acreditava nos próprios olhos.

— *Fogo dos céus* — murmurou, tão baixo que apenas Dipé, que estava ao lado, ouviu.

Alguns homens no convés pararam o trabalho. Outros, que não haviam visto, perceberam o silêncio dos que haviam parado e ergueram os olhos. Em questão de segundos, o convés inteiro estava imóvel — coisa que não acontecia nem com as ordens mais duras do capitão.

A esfera não piscava. Não oscilava. Apenas estava ali, sobre a proa que apontava para o estreito, sobre as águas que começavam a mostrar os primeiros sinais da mudança que viria — aquela estranheza das correntes, aquele horizonte que parecia mais baixo do que deveria estar.

O capitão aproximou-se com os olhos semicerrados — convicto de que menos abertura tornaria o fenômeno mais explicável.

— Eletricidade das nuvens — disse, com a firmeza de quem sabe que a firmeza é, naquele momento, mais importante que a precisão. — Acontece antes de tempestade grande. Não é a primeira vez que vejo.

Mas havia algo em sua voz — uma fissura quase imperceptível — que dizia que era, sim, a primeira vez que via *assim*. Com aquela quietude. Com aquela duração. Com aquela qualidade de presença que não era a de um fenômeno passando, mas a de um sinal aguardando ser lido.

O velho marinheiro não discutiu. Apenas murmurou, para si mesmo ou para Dipé ou para o mar:

— Os Mares de Cima falam quando querem. Não quando a gente está preparado para ouvir.

A esfera permaneceu por um tempo que nenhum dos presentes soube medir com precisão — cada um que foi perguntado depois deu uma resposta diferente, de alguns minutos a uma hora inteira, o que é o modo como o tempo se comporta quando algo fora do ordinário acontece e a atenção humana perde seu ritmo habitual. Depois, sem aviso e sem cerimônia, dissolveu-se — não como chama que se apaga, mas como presença que cumpriu o que tinha a dizer e escolheu retirar-se. Pulsos lentos de luz decrescente, cada um mais tênue que o anterior, até que onde havia brilho havia apenas o mastro escuro e o céu mais escuro ainda.

O convés voltou ao movimento. As ordens do capitão recomeçaram. As mãos voltaram às cordas.

Mas o silêncio que o fogo havia deixado no ar durou muito mais do que ele.

De costas não viram mas instantes antes o farol piscou. Três lampejos curtos. Uma pausa. Dois longos.

Um código.

Somente o capitão olhou na direção do farol, antes que a luz se extinguisse, reconheceu que havia algo a ser lido, e deu de ombros com a indiferença de homem que há muito decidiu que certas mensagens não eram para ele.

— *Sigam.*

O mar, porém, pareceu hesitar.



Passado o promontório, tudo mudou com a rapidez que só a natureza permite e que nenhuma narrativa consegue reproduzir com honestidade completa. O horizonte ficou mais baixo — o mar havia engolido um pedaço do mundo que estava logo à frente. O vento ganhou uma aspereza fria que não combinava com a estação — um frio que não era de temperatura, mas de aviso, de algo que havia decidido mostrar-se.

Essas mudanças atmosféricas sinalizavam a proximidade dos grandes vórtices — os portais naturais que, segundo os mestres das guildas mais antigas, conectavam o Mar do Meio às correntes dos *Mares de Baixo*. Havia outras embarcações ao redor do Aurora Negra, algumas dezenas delas que, corajosas ou desesperadas ou simplesmente gananciosas, se lançavam à mesma ousadia da travessia. As ondas passaram a se levantar em padrões estranhos, irregulares — não como mar aberto normal, mas como a respiração de uma criatura ferida que luta para manter um ritmo que não consegue mais sustentar.^[8]

O leme endureceu. Os homens no convés começaram a falar menos. As ordens do capitão e do imediato passaram a ecoar no silêncio crescente com uma autoridade que nenhum título teria dado — apenas a circunstância confere esse tipo de peso à voz. Dipé agarrava-se às suas atividades junto aos outros no convés, aprendendo na urgência o que não havia tido tempo de aprender com calma.

À noite, as estrelas pareciam ter recuado — mais distantes do que deveriam estar, afastadas por algo que havia engrossado entre o mar e o céu. A bússola

oscilava com uma inquietação que não era erro de instrumento: era resposta a algo que havia sob as águas, puxando o ferro de baixo para cima como ímã de convicção muito mais antiga.

Dipé desceu ao porão e encontrou alguns dos mercadores conversando em voz baixa, sentados sobre caixas com o desconforto mal disfarçado de homens que raramente navegam mas precisam fingir que a situação é rotineira.

— A rota é segura — dizia um, com a convicção de quem repetiu a frase suficientes vezes para começar a acreditar nela.

— Seguro é o lucro — respondeu outro, gargalhando com o deboche de quem vende ilusão de segurança junto com as mercadorias.

— E o risco...

— É o preço que os tolos pagam por nós.

Num canto do porão, afastado dos mercadores pela distância exata de quem ouviu mas não quer ser visto ouvindo, havia um homem jovem — talvez dois ou três anos mais velho que Dipé, marcado pela contenção de quem chegou cedo demais a certas conclusões e aprendeu que guardá-las era mais seguro que dizê-las. Tinha os antebraços apoiados nos joelhos e os olhos fixos num ponto do assoalho que era mais o lugar onde a mente pousa quando está trabalhando em algo que as mãos não podem ajudar.

Quando Dipé entrou, ele levantou os olhos. Não com surpresa — com o reconhecimento rápido e silencioso de quem já havia catalogado cada rosto a bordo e estava confirmando a entrada do último que faltava.

Não disse nada. Dipé também não.

Mas havia no silêncio entre eles algo que os mercadores no centro do porão não conseguiriam ter ouvido mesmo que estivessem em completo silêncio — porque era comunicado numa frequência que a astúcia reconhece na astúcia, e que o caráter reconhece no caráter, e que as duas coisas juntas produzem uma leitura que nenhuma das duas sozinha alcança completamente.

O homem do canto sabia o que Dipé era. Dipé sabia o que o homem do canto era. E ambos sabiam, sem precisar de palavras para isso, que estavam no

mesmo navio por razões que os mercadores desconheciam e que a tripulação conhecia de um modo diferente do deles.

O que nenhum dos dois sabia ainda — e que os separaria, mais tarde, com a precisão silenciosa com que o vórtice separa o que flutua do que afunda — era que serem recrutados pela mesma mão não significava pertencer ao mesmo destino.

A voz do capitão desceu pelo tombadilho como trovão controlado:

— *À proa! Cortem a vela maior! Se o vento pegar ela inteira, viraremos como peixe morto!*

Homens correram, tropeçando uns nos outros com a familiaridade tensa de quem já executou essa dança de emergência antes. A madeira do convés estava molhada e inclinada, cada passo um pequeno ato de fé sobre superfície que não prometia nada. Outra onda se levantou no escuro — mas não vinha apenas da superfície. Dipé percebeu primeiro pelo comportamento da água ao redor do casco: o mar não estava apenas revoltado. Ele girava.

As ondas formavam curvas que não eram naturais — como se fossem puxadas para um mesmo centro invisível — a respiração de algo imenso acordando no fundo.

Um velho marinheiro de cabelos tão brancos quanto a espuma das ondas agarrou o braço de Dipé com uma força que desmentiu a idade.

— *Você sente isso?*

— *O quê?*

O homem apontou para o mar sem tirar os olhos de Dipé, como se a confirmação que buscava estivesse no rosto do mais jovem, não nas águas.

— *As correntes...*

O Aurora Negra foi puxado para estibordo com violência súbita. O leme rangia como se tentassem arrancar um dente saudável de uma mandíbula resistente.

O rosto do capitão, que havia atravessado dezenas de tempestades com a mesma expressão ligeiramente entediada, perdeu qualquer vestígio de arrogância calculada em menos de um segundo.

— *VÓRTICE!*

A palavra saiu quase como uma praga. Alguns homens no convés fizeram o sinal dos dois dedos. Outros oravam em voz baixa em idiomas que Dipé não reconhecia. Era sempre assustador, sempre — mas era o único caminho natural para os Mares de Baixo, e todos ali o haviam escolhido, com maior ou menor compreensão do que estavam escolhendo.

— *Estamos perto demais... cedo demais... — murmurou alguém.*

Dipé olhou para a água e viu. Não era apenas um redemoinho como os que se formam após a popa de navios grandes. A água parecia descer — afundar em círculos concêntricos de tamanho crescente, formando uma depressão enorme no oceano cuja boca era larga o suficiente para engolir o *Aurora Negra* inteiro e mais cinco ou seis do mesmo tamanho, sem dificuldade. O centro desaparecia na escuridão como um olho sem fundo, como a pupila de algo que havia estado acordado muito antes de qualquer homem de Akvon ter construído seu primeiro barco.

A aproximação precisava ser exata. O momento, correto. Um erro de ângulo ou de timing e tudo — navio, carga, homens e o peso de todas as suas escolhas — seria posto a perder. E o *Aurora Negra* estava sendo puxado naquela direção com a determinação de um destino que não aceitava negociação.^[9]

— *Remos de emergência! Cortem peso! Joguem carga fora!*

Barris foram empurrados para o mar com sons surdos. Caixas de mercadorias que haviam sido carregadas com cuidado durante horas foram lançadas pela amurada sem cerimônia. Cordas, ferramentas, qualquer coisa que tivesse peso e não fosse homem ou navio.

— *Mais rápido! Mais rápido! — gritava o imediato, a voz rasgando.*

Mas o vórtice crescia. O vento mudou novamente, agora soprando em espiral descendente. As velas inflavam e desinflavam com violência, como pulmões de algo que não consegue encontrar o ritmo. Dipé tentou manter o

equilíbrio sobre o convés que se inclinava e depois se endireitava e depois se inclinava novamente, e foi então que viu algo que fez o sangue resfriar.

Eles não estavam sozinhos.

Outras embarcações surgiam entre a névoa e a chuva — três, talvez quatro navios, todos lutando contra a mesma força invisível, todos sendo puxados com diferentes graus de resistência para o mesmo centro. Havia algo quase ordenado nisso, algo quase coreografado, que tornava o terror ainda maior do que se fosse caos puro.

Um dos navios já estava muito próximo do centro do redemoinho. Girava como uma folha seca sobre água parada — mas a água não estava parada e a folha era um navio com talvez cinquenta homens a bordo. Os gritos chegavam fragmentados pelo vento, palavras que o mar não permitia que chegassem inteiras.

— *Cortem o mastro!*

— *Pulem!*

— *Pelo amor de—*

Um estalo terrível ecoou sobre o vento e a chuva. O casco do navio partiu ao meio como se fosse madeira seca, não o produto de anos de trabalho e intenção. A popa desapareceu primeiro, puxada para baixo com velocidade que parecia impossível. Depois o resto foi engolido pela água escura.

Nenhum destroço voltou à superfície.

Dipé sentiu um frio atravessar o corpo inteiro, da nuca até os pés.

— *Eles... desapareceram...*

O velho marinheiro de cabelos brancos estava ao lado dele. Respondeu com uma voz que havia cruzado o ponto onde o medo e a aceitação se encontram e formam algo diferente dos dois:

— *Não desapareceram.*

Ele apontou para o redemoinho.

— *Desceram.*

O Aurora Negra começou a girar. Devagar no início — quase imperceptivelmente —, e depois cada vez mais rápido, com aquela aceleração gradual que é a mais aterrorizante de todas porque dá tempo suficiente para compreender o que está acontecendo antes que haja qualquer coisa a ser feita. A quilha vibrava de um modo que subia pelos pés de todos no convés e chegava à espinha como aviso físico. O capitão gritava ordens que eram tecnicamente corretas mas que o mar simplesmente não estava aceitando naquele momento.

Um relâmpago rasgou o céu com a brutalidade honesta das forças que não se importam com o que estão iluminando. Por um único instante, Dipé viu a cena inteira: o vórtice gigantesco como uma ferida aberta no oceano, dentro do qual navios lutavam com a dignidade trágica dos insetos presos na superfície da água. O Aurora Negra inclinado a um ângulo que a razão dizia impossível.

E, muito distante...

quase invisível entre a chuva e a distância...

o farol.

Uma pequena luz firme no Promontório Silenciado, a quilômetros de distância, imóvel e constante como uma convicção que não vacila diante de nenhuma tempestade. Observando tudo. Oferecendo retorno — já impossível, já tarde demais para o Aurora Negra, mas ainda oferecendo.

O convés inclinou brutalmente. Dipé perdeu o equilíbrio e a corda que segurava escorregou em suas mãos molhadas com a crueldade indecente das coisas que falham exatamente quando mais precisamos delas. Outra onda colidiu com o casco com a força de algo que não reconhece resistência, arremessando-o contra o parapeito. Sentiu o impacto no peito que expulsou todo o ar dos pulmões num único soluço involuntário.

Ouviu alguém gritar seu nome — o nome que havia recebido por acaso, que havia aceitado por resignação, que agora soava pela primeira vez como algo que valia a pena salvar.

— Dipé! Segure—

Mas já era tarde. A próxima onda veio como uma muralha vertical que não perguntou permissão para existir, arrancando-o do navio com a indiferença

completa da força que não tem inimigos pessoais. A água era gelo e escuridão e sal e o ruído de algo muito maior do que ele acontecendo ao redor de seu corpo. Ele girou, afundou, tentou respirar e engoliu o mar em vez de ar. Instintivamente — sem pensar, porque o pensamento havia sido substituído pelo instinto mais antigo — agarrou um pedaço de madeira que flutuava entre os destroços da carga que haviam lançado ao mar. Quando emergiu novamente, cuspiendo água salgada e tentando orientar-se, o mundo era tempestade — só tempestade.

A centenas de metros dali, o Aurora Negra ainda lutava. Dipé o viu subir numa onda gigantesca — por um momento pareceu que o navio escaparia, que sua quilha encontraria ângulo certo, que a tripulação venceria a força que os puxava. Mas depois o navio desapareceu atrás de uma muralha de água e não reapareceu da forma que havia desaparecido. Se havia sobrevivido ou sucumbido, o mar não informou.

Outro navio surgiu na distância, as velas completamente rasgadas, homens que eram apenas silhuetas escuras se jogando na água escura. A embarcação girou, girou, girou com a lentidão hipnótica das coisas que não têm mais escolha, e depois desapareceu. O céu rugia. O mar girava.

E Dipé, curvado sobre uma prancha quebrada no meio daquilo tudo, começou a perceber algo terrível com a clareza específica que só o desastre proporciona.

Havia sobrevivido.

Talvez o único.

A tormenta continuava sem piedade, sem interesse em sua existência particular. E ele estava de pé — não em sentido literal, agarrado a uma prancha no meio do oceano —, mas de pé no único sentido que ainda importava:

ainda aqui.



HENRIQUE D'AURORA — PROMONTÓRIO SILENCIADO — MESMA NOITE

Henrique D'Aurora havia aprendido, durante décadas de vigília no Promontório Silenciado, a distinguir os tipos de escuridão. Dessas que antecedem os eventos mais significativos dos Sete Mares — os três de Cima, o do Meio e os três de Baixo, na contagem que os mestres mais antigos faziam.

Havia a escuridão comum do mar à noite — densa, indiferente, pontuada pelo balanço das lanternas dos navios que passavam pelo estreito como estrelas de baixo. Havia a escuridão da tempestade que chegava antes da chuva, aquela que tinha cheiro e pressão e anunciava a si mesma com a arrogância das forças que sabem que não precisam de licença. E havia — rara, acontecida talvez quatro ou cinco vezes em toda a sua vida de observação — a escuridão que precedia um sinal dos Mares de Cima.

Essa última não era mais densa. Era mais quieta.

Era a quietude que havia naquela noite.

Ele estava no nível mais alto do farol, com o grande telescópio de lentes tratadas que havia mandado fabricar por um artesão do interior que nunca havia visto o mar — porque, dizia Henrique, quem nunca viu o mar faz instrumentos para ver longe sem o vício de achar que já sabe o que vai encontrar. O telescópio repousava sobre o suporte de bronze. Henrique ficava de pé atrás dele por horas, às vezes a noite inteira, observando o estreito com a paciência de quem não está esperando nada específico mas sabe reconhecer o específico quando aparece.

Havia dezenas de navios que tentariam a sorte no vórtice mas três navegavam mais próximos à costa naquele momento. Ele os conhecia pelo perfil das velas — o Aurora Negra à frente, dois navios menores atrás, todos cedendo à mesma atração das correntes profundas que poucos compreendiam e menos ainda sabiam usar com intenção. Havia tentado, anos atrás, estabelecer um sistema de orientação para aquelas travessias. A resistência das facções comerciais havia sido imediata e coordenada. Conhecimento é poder, e poder, naquele mundo, era mercadoria que não se dividia por caridade. Ampliou-se o cerco para silenciar D'Aurora e a Luminavio.

Foi então que viu.

Na proa do Aurora Negra — pequeno a essa distância, um ponto luminoso sobre o mastro dianteiro —, o fogo.

Henrique afastou-se do telescópio. Fechou os olhos por um momento, com a deliberação de quem precisa ter certeza antes de deixar a certeza entrar completamente. Depois voltou, ajustou o foco com mãos que não tremiam por disciplina de décadas, e olhou de novo.

Estava lá. Esfera. Quieta. Azul-branca sobre a madeira escura da proa — não no mastro principal, não na verga, não em nenhum dos pontos onde o fogo dos céus costumava aparecer nos registros que conhecia. Na proa. O ponto mais avançado do navio. O lugar de quem vai à frente.

Haviam visto o fogo dos céus antes, ele ou seus bem treinados oficiais — três vezes em décadas de navegação e vigília, cada uma anotada no diário com data, hora, duração e coordenadas aproximadas. Havia pesquisado cada um desses navios depois. Havia encontrado padrões que não sabia ainda explicar completamente mas que eram inequivocamente padrões — o fogo não aparecia em qualquer navio, não aparecia sobre qualquer pessoa. Aparecia sobre quem carregava algo que os Mares de Cima reconheciam como seu. Mas sempre sobre o mastro. Sempre no alto.

Nunca na proa.

Henrique ficou olhando por um longo momento. Depois, muito devagar, deixou que o significado entrasse. Porque havia uma profecia — recebida numa das suas retiradas em Blanka Dunmaro, numa noite em que as estrelas se refletiam nas lagoas brancas com tal precisão que era impossível dizer onde terminava o céu e onde começava a areia —, uma profecia que ele havia copiado no diário com a caligrafia cuidadosa que reservava apenas para o que não podia perder:

Kiam la fajro de supre tuŝos lignon de malsupro, unu homo staros rekta — li, kiu venos de profundo.

Ĉiuj kliniĝis en la ŝtormo, li sola restis en la vento. Lian nomon ankoraŭ li ne scias — sed vi scios, kiam li staros antaŭ vi.

La fajro brilos sur la pruo, kaj vi rekonos lian vizaĝon. Tio estas la signo donita: jen via daŭriganto — jen via heredaĵon.

Quando o fogo dos mares de cima tocar madeira do de baixo, em breve ele estará de pé diante de ti — aquele que permaneceu ereto quando todos se curvaram. Ele ainda não sabe seu próprio nome. Mas tu saberás. O fogo te dirá. A tradução ficou incompleta. Havia mais três linhas que Henrique havia copiado mas que, naquela noite, preferiu não traduzir — como se nomeá-las em voz inteligível fosse, de algum modo, precipitar o que ainda não estava pronto para chegar.

Henrique fechou os olhos de novo. Desta vez por mais tempo.

Quando os abriu, a esfera ainda estava lá sobre a proa do Aurora Negra. Pequena, firme, azul-branca, absolutamente alheia ao caos que começava a formar-se nas correntes ao redor do navio. Alheia à tempestade. Pertencendo a outra coisa inteiramente.

Com movimentos lentos e deliberados — porque havia aprendido que os momentos de reconhecimento pedem lentidão, que a pressa os desfaz —, Henrique D'Aurora caminhou até o mecanismo da lanterna principal. Ajustou o

obturador com a combinação que havia desenvolvido e nunca ensinado a ninguém:

Três lampejos curtos. Pausa. Dois longos.

Eu te vejo. Aguarda.

Não sabia o nome do homem. Não sabia a idade, a origem, nem o que o havia conduzido àquele navio específico naquela noite específica. Sabia apenas o que o fogo havia dito, com a linguagem que dispensa palavras porque é anterior a elas: aqui está alguém que pertence ao que você começou. Alguém que virá de baixo. Que irá para cima.

E sabia mais uma coisa — a que doía com a dor específica das verdades que chegam tarde demais para mudar o imediato: que aquele homem na proa do Aurora Negra estava prestes a entrar no vórtice. E que ele, Henrique, do alto do seu promontório, não tinha como impedir.

Apenas podia manter a lanterna acesa enquanto se afastavam da costa em direção à grande garganta que certamente se formaria dali em breve.

E esperar que o homem da proa fosse forte o suficiente para sobreviver ao que vinha — e humilde o suficiente, depois de sobreviver, para entender por quê.

Mais tarde, quando a tempestade passou e o estreito voltou à sua escuridão ordinária, Henrique desceu ao estúdio, abriu o diário na página seguinte à última entrada e pegou a pena. Escreveu:

"Esta noite o fogo desceu sobre um homem cujo nome ainda não sei. Desceu sobre a proa — o que não havia acontecido antes nas três vezes anteriores. A proa é o lugar de quem vai à frente de todos. A profecia de Blanka Dunmaro cumpriu sua primeira parte. Aguardo a segunda: que ele esteja de pé diante de mim. A lanterna continuará acesa."

Antes de fechar o diário, Henrique ficou por um momento com a pena suspensa sobre a página. A profecia havia se anunciado. O homem existia. E estava, naquele instante, dentro do vórtice — vivo ou morto, ele não sabia ainda. Mas a profecia não havia dito que o homem chegaria facilmente. Havia dito que estaria de pé. E entre o vórtice e estar de pé havia uma distância que a fé podia reconhecer mas que apenas a ação podia preencher.

Pousou a pena. Levantou-se.

Desceu um andar e bateu com dois nós dos dedos na porta do cubículo onde Aldric, seu imediato de vigília, dormia com o sono leve e disciplinado de quem foi treinado para acordar ao menor sinal.

— Aldric.

O homem abriu os olhos sem sobressalto, já sentado antes que Henrique terminasse de pronunciar o nome.

— Senhor.

Henrique não se sentou. Quando tinha algo a dizer com urgência, preferia ficar de pé — era o modo de deixar claro que não havia espaço para discussão, apenas para execução.

— Três acampamentos. Um ao norte da praia dos afloramentos, um na enseada sul e um no sopé das dunas brancas, onde o terreno permite fogo visível do mar. Equipes de quatro homens cada. Provisões para três dias — água doce, mantas, o kit de campo completo. Saem antes do amanhecer.

Aldric pegou o caderno que guardava junto ao cobertor — havia aprendido, depois de anos ao lado de Henrique, que as ordens do velho chegavam quando chegavam, não quando eram convenientes.

— Vigília contínua senhor?

— Incursões a cada três horas ao longo da linha de costa. Qualquer pessoa encontrada nas águas ou na areia — não importa o estado, não importa de qual navio — é socorrida e trazida ao promontório. Sem perguntas, sem triagem, sem julgamento. Primeiro se salva. Depois se conversa.

Aldric anotou sem erguer os olhos do caderno.

— Por quantos dias?

Henrique ficou um instante sem responder. Não porque não soubesse — mas porque a resposta era do tipo que, dita em voz alta, exige que se acredite completamente naquilo que se está dizendo.

— **Até ele aparecer.**

Aldric ergueu os olhos desta vez. Havia trabalhado ao lado de Henrique D'Aurora por quatorze anos — tempo suficiente para reconhecer a diferença entre uma ordem de rotina e uma ordem que vinha de um lugar mais fundo do que a rotina alcança.

— Entendido.

Henrique voltou para o andar do farol. A lanterna principal continuava girando com sua cadência imutável, varrendo o estreito com a paciência de quem sabe que algumas esperas não têm atalho possível. Ele ficou de pé diante da janela, com as mãos cruzadas atrás das costas, olhando para o escuro onde o Aurora Negra havia desaparecido.

Naquelas décadas de navegação e vigília, havia aprendido que a fé sem obras é apenas opinião bem-intencionada. Que acreditar numa profecia significa

agir como se ela fosse verdade antes que qualquer evidência confirme. Que o Senhor das Marés não precipitara os homens nas águas de Akvon como castigo ou para que ficassem apenas contemplando o horizonte com sentimentos elevados.

Os três acampamentos estariam prontos ao amanhecer. As incursões começariam com a primeira luz. E ele, Henrique D'Aurora, fundador de uma empresa que seus inimigos chamavam de ingênua e seus aliados chamavam de necessária, continuaria de pé diante da janela do seu farol — esperando o homem que o fogo havia prometido. Tão certo disso quanto havia sido certo de qualquer outra coisa em sua longa e improvável vida.



CAPÍTULO 1 — PARTE II

À Deriva

— *Entre o afogamento do corpo e o naufrágio da alma* —

NARRADOR — EXTERIOR

A tormenta não tinha pressa.

Era essa a sua crueldade mais refinada: não a velocidade do destruir, mas a lentidão do deixar à deriva. O Aurora Negra havia desaparecido — engolido, partido, ou tragado para os Mares de Baixo com toda a sua carga de contratos, mercadorias e almas que haviam negociado sua rota sem compreender completamente o preço. Restavam apenas os fragmentos que o vórtice havia cuspidos de volta para a superfície: tábuas escuras, um barril sem fundo, cordas que boiavam como cobras mortas.

E Dipé.

Dipé, que havia recebido um nome por acaso e agora o carregava como única propriedade restante. Dipé, que havia subido a prancha de embarque com a bolsa de promessas no peito e a fome de ser alguém no olhar. Dipé, que agora era apenas um homem magro — assombrosamente magro, como observaria mais tarde quem o encontrasse, os ombros estreitos de quem cresceu sem fartura suficiente, os braços longos sem a musculatura dos marinheiros experimentados — agarrado a um pedaço de madeira no meio de um oceano que não havia sido informado de que ele tinha importância.

Não havia mais gritos. O vento continuava — há sempre vento, no Mar do Meio — mas havia perdido a raiva do vórtice e voltado à sua natureza ordinária: indiferente, constante, sal na ferida. As ondas, ainda altas, não tinham mais o propósito destrutivo da tempestade. Faziam o que as ondas fazem quando não há nenhum drama especial a ser executado: sobem e descem, sobem e descem, como uma respiração que não sabe que existe.

E naquele ritmo — subir e descer, subir e descer —, Dipé começou a pensar. O que é perigoso para um homem à deriva. Porque os que morrem

rapidamente no mar morrem de exaustão ou de água. Os que demoram mais a morrer, morrem do que pensam.



DIPÉ — INTERIOR

Sentia as ondas envolvendo-me como uma conversa que eu não havia pedido mas que não tinha mais como encerrar. O mar sempre fora para mim um mistério insondável — e dessa contradição nunca conseguira me afastar. Os mitos e histórias dos Mares de Cima me haviam alimentado a infância como alimento de tipo especial: não saciava o estômago, mas saciava outra coisa, algo dentro do peito que eu nunca soubera nomear direito.

O naufrágio — essa grande ameaça que os navegadores invocavam em causos ao redor de tochas e que eu tratara sempre como abstração de quem não navegou o suficiente — finalmente emergira em minha jovem vida de aventureiro dos oceanos. E o que descobrira, ao emergir com ele, era que a abstração era muito mais confortável que a realidade. A realidade era fria. A realidade tinha sabor de sal e peso de coisa que não promete parar.

Ao meu redor, destroços que já não reconhecia como partes de nenhuma embarcação. O Aurora Negra — esse nome que fora uma provocação perfeita, que me seduzira antes mesmo das moedas pesarem na bolsa — reduzira-se a pedaços anônimos de madeira escura boiando sem destino, sem identidade, sem nenhum vestígio do que haviam sido. Assim as coisas construídas sobre promessas erradas terminam, pensei. Não com explosão, não com drama justo. Com fragmentos que o mar devolve com a indiferença de quem devolve troco.

O que ocasionara aquela derrota na tempestade? Eu sabia — no fundo mais honesto de mim mesmo, naquele lugar onde a autoilusão não consegue manter-se de pé por muito tempo —, eu sabia que sabia. Não era falta de habilidade do capitão. Não era má sorte. Não era sequer o vórtice, que existia há séculos e que outros haviam atravessado.

Era o que faltava entre nós. Ou melhor: era o que eu não trouxera comigo. Não sentia, entre os tripulantes do Aurora Negra, aquela qualidade de fé que eu aprendera a reconhecer desde criança — não a fé das palavras certas nos momentos certos, mas a fé que transforma a qualidade do ar ao redor de quem a possui. A fé que, segundo os mais antigos entre os mestres das guildas de cima, era capaz de atrair as asas protetoras dos querubins, serafins e tronos que cantavam nos Mares de Cima — e cujo canto, em certas condições de silêncio interior, chegava até o Mar do Meio como vento favorável quando não havia razão meteorológica para existir vento algum.

Todos haviam já sucumbido. Eu restara como última testemunha. Eu, que devo reconhecer — que devo reconhecer agora, com a água fria me lavando qualquer capacidade de mentir para mim mesmo —, havia embarcado no Aurora Negra sabendo. Não por ignorância, não por ingenuidade. Sabia, desde o primeiro aperto de mão na sala de chás, que aqueles homens de mãos limpas vinham de um lugar de sombra. A Ordo Malpeza — homens de bolsas pesadas e propostas que soavam como oportunidade porque eu escolhera ter os ouvidos voltados apenas para o que queria ouvir. O resto — quem eram de verdade, o que queriam, o quanto aquela escolha me custaria — eu ainda não sabia. Aprenderia.

Não sei quantos dias passaram assim. Só sei que em algum momento a lucidez começou a ceder — não de golpe, mas da forma como a maré sobe: imperceptivelmente, até que de repente a água está no joelho e não houve um instante claro em que a gente decidiu deixar entrar. O corpo foi primeiro. E o corpo, quando não tem mais defesa, entrega o que a mente havia guardado.

O frio chegou primeiro pelos pés.

Não como chegam as coisas que reconhecemos — com nome e causa e explicação. Chegou simplesmente, do fundo do oceano para cima, subindo pelos tornozelos com a lentidão paciente de algo que sabe que chegará onde quer chegar independentemente de qualquer resistência que eu pudesse oferecer. E antes que minha mente tivesse qualquer palavra para aquilo, meu corpo já havia respondido com a única resposta que conhecia para esse frio específico:

A minha mãe.

Ela apareceu inteira, de uma só vez, como as memórias mais verdadeiras costumam fazer — não em fragmentos, não em sequência, mas completa: sentada perto da lareira nos dias congelantes de inverno, o crochê nas mãos movendo-se com aquela cadência hipnótica que eu adormecia assistindo. As agulhas clicando suavemente num ritmo que era conversa e oração ao mesmo tempo. E a voz dela, baixa, sem solenidade: "Vem cá, deixa eu ver esses pés." Os óleos perfumados que ela guardava numa cestinha de palha perto do fogo — alecrim, ela dizia, e algo mais doce que eu nunca identifiquei mas que reconheceria imediatamente se sentisse de novo. As mãos dela massageando os pés de cada filho por vez, enquanto os outros esperavam em fila sem protestar, porque havia algo naquele gesto que era ao mesmo tempo tão simples e tão absoluto que ninguém pensava em questionar. Ela aquecia o que o dia esfriara. Era tão exatamente o que precisava ser feito.

No oceano, com os pés sem sensação e os tornozelos entorpecidos, senti por um momento — não como lembrança, mas como presença física — o calor daquelas mãos.

As ondas me embalavam.

Descobri isso num momento estranho de atenção — num intervalo breve entre uma onda e outra em que o mar fez algo inesperado: ficou quase quieto. E nessa quase-quietude, o movimento residual da água me balançava com uma regularidade que o corpo reconheceu antes que eu reconhecesse. Esse ritmo. Esse exato ritmo.

Minha mãe ninando os mais novos.

Eu era o mais velho da leva do meio — havia os mais velhos que já não precisavam de ninar, e havia os mais novos que ainda choravam à noite, e havia eu no meio, já grande o suficiente para fingir que dormia mas pequeno o suficiente para querer ouvir e invejar aquele colo. Ela cantarolava algo sem letra definida — não era uma canção que eu pudesse repetir, era mais uma intenção de melodia, um som que saía dela como respiração, e o bebê parava de chorar não por causa da música mas por causa da certeza que havia na voz dela. A certeza de

que tudo estava bem. De que o mundo era seguro o suficiente para se soltar nele e deixar o sono chegar.

No meio do oceano, embalado por uma água que não me queria bem, eu me peguei querendo acreditar na mesma coisa. Que havia uma voz em algum lugar, baixa, sem letra, dizendo que o mundo era seguro o suficiente. Que tudo estava bem. Que eu podia soltar. Adormeci.

Acordei já com sol quente e uma onda me acertou de frente. Não via terra e ignorava já o correr do tempo. A água entrou pelo nariz, pelos olhos, pela boca aberta num grito que não chegou a sair. Eu tossi, cuspi, sacudi a cabeça como um animal — e no exato segundo em que a água escorreu pelo meu rosto com aquele peso específico de água em movimento, ouvi risada.

Não havia risada. Estava alucinando, talvez. Mas era tão real:

A cachoeira da fazenda do tio Marel, duas léguas acima da vila, onde a família inteira subia todo verão com cestas de comida e disposição de não voltar antes do anoitecer. A parentela toda — primos em quantidade que eu nunca aprendi a contar certinho, tias que gritavam para ninguém se machucar enquanto os meninos faziam exatamente as coisas que causavam machucados, avós sentados à sombra com expressão de quem já viu tudo isso antes e ainda assim acha graça. E a cachoeira caindo em cima de nós como julgamento feliz e gelado, e todo mundo gritando com aquele grito que não se distingue do riso porque é as duas coisas fundidas — a alegria do susto e o susto da alegria. Minha irmã mais velha que me empurrava dentro da água quando eu menos esperava. O primo Sevi que mergulhava e ficava embaixo tempo demais até alguém entrar em pânico. O cheiro de comida sendo esquentada num fogareiro improvisado misturando com o cheiro de água limpa e pedra molhada e eucalipto da beira.

A água salgada e fria do oceano escorria pelo meu rosto. A água doce e gelada da cachoeira escorria pela memória. Eram a mesma água. Eram mundos diferentes. E eu estava num deles sozinho e havia deixado o outro para trás de livre e espontânea vontade. Mais uma vez escureceu e a noite engoliu-me novamente.

Foi um som baixo e prolongado — de algum lugar sob as águas, ou talvez de alguma criatura enorme passando ao largo sem saber que havia um homem ali em cima tentando não morrer. Uma baleia, talvez. Ou apenas o próprio oceano conversando com ele mesmo nas profundezas, no idioma que só as coisas muito grandes utilizam entre si.

O som era grave e ritmado e inevitável.

Meu pai roncando.

A memória veio acompanhada de uma risada — minha, do interior, a primeira coisa parecida com risada que eu havia sentido desde que o Aurora Negra partira. Porque o ronco do meu pai era lenda familiar. Era motivo de reunião. As noites de inverno em que a família inteira se espremia nos quartos menores para aproveitar o calor do fogão — e o pai dormia com a satisfação inocente de quem nunca soube que roncava, porque quem ronca não ouve o próprio ronco, e a minha mãe que fingia não ouvir mas sorria quando achava que ninguém via, e os filhos que abafavam a risada debaixo das cobertas como quem guarda um tesouro pequeno e privado. "O pai está afinando", dizia meu irmão mais novo com seriedade de especialista. "Está chamando o vento", eu concordava. E minha irmã: "Está conversando com as baleias." E todos nós explodíamos em risada silenciosa porque rir sem barulho quando não pode ser ouvido é a forma mais pura de rir que existe.

No oceano escuro, com uma baleia ou o próprio mar roncando ao fundo, ri de novo assim. Sem barulho. Com as costelas doendo e os lábios rachados e salgados. Foi o momento mais estranho e mais humano de tudo aquilo.

E veio dia e depois outra noite se fechou devagar sobre o oceano, como uma tampa sendo colocada sobre o mundo.

Eu sempre tivera medo do escuro do mar. Não do escuro em geral — do escuro que existe sobre a água funda, diferente do da terra porque na terra o escuro pousa e na água o escuro desce, e descer é diferente de pousar porque não tem fim previsível.

Mas no momento em que o escuro chegou inteiro, as estrelas chegaram junto.

E as estrelas trouxeram o meu pai. No esvair de minhas últimas forças.

Ele me levava para longe da vila nas noites de céu limpo — os dois sozinhos, ele e eu, o mais velho dos filhos que restou, com o privilégio silencioso do primogênito que não é declarado mas existe. Deitávamos na grama e ele me ensinava os nomes das constelações com a paciência infinita de quem não tem pressa de nenhum destino imediato. Não os nomes dos cartógrafos — os nomes que a guilda usava, que eram diferentes e mais antigos e tinham dentro deles a história de por que cada agrupamento de estrelas havia sido chamado daquele jeito por pescadores que já não existiam mais mas que haviam olhado para o mesmo céu e sentido a necessidade de nomear o que viam. Para não se sentir tão sozinhos no escuro, eu acho. Dar nome é uma forma de companhia.

Atrás de nós, pela janela da casa, a luz da lareira. Laranja e tremulante e completamente segura. O escuro lá fora era enorme e o céu era imenso e as estrelas eram incalculáveis — e havia aquela janela pequena com luz dentro, e minha mãe dentro da luz, e os irmãos dentro da minha mãe, e o mundo inteiro cabia naquilo sem se apertar.

Fiquei deitado na prancha de madeira olhando para o mesmo céu — as mesmas estrelas, ou estrelas tão parecidas que a diferença não importava — e por um momento não havia oceano entre mim e a infância. Havia apenas o céu em cima e o pai ao lado e a sensação de que o universo era maior do que qualquer problema que eu pudesse ter ou criar.

Foi então que a vi.

No horizonte, distante, mas inconfundível: uma luz. Firme. Imóvel. Com aquela luz que não é acidente — colocada ali por alguém, com intenção, para que alguém como eu pudesse ver.

A janela da lareira. A luz do farol. A mesma luz. O mesmo recado: alguém está aqui. Você não está no escuro sozinho. Existe uma direção. Eu vejo você.

Não havia mais força nos braços. Havia apenas aquela luz no horizonte e a memória do meu pai dizendo os nomes das estrelas com a voz de quem não tem pressa e a convicção inexplicável de que o universo era grande o suficiente para caber tanto o oceano que tentava me matar quanto a janela que me esperava.



NARRADOR — EXTERIOR

O tempo à deriva não é como o tempo na terra. Na terra, o tempo passa em relação a alguma coisa — o sol movendo-se, as refeições, o trabalho que começa e termina. À deriva, o tempo passa apenas em relação ao corpo: à sede que cresce, à pele que começa a sentir a diferença entre a água fria da noite e o sol implacável do dia, aos músculos que protestam contra a posição impossível de quem se recusa a soltar um pedaço de madeira que é a única coisa entre ele e o oceano infinito.

Dipé não sabia quantos dias e quantas noites haviam passado. Seu corpo sabia — de um modo que não utilizava linguagem, mas que era absolutamente preciso. Os lábios rachados com a crueldade do sal que desidrata enquanto envolve. Os olhos que ardiam para olhar tanto para o horizonte que insistia em ser vazio. As mãos que haviam deixado de ser mãos e se tornavam extensões das fibras da prancha de madeira, tão fundidas naquele pedaço de casco morto que seria difícil dizer onde terminava a madeira e onde começava o homem.

Mas havia algo estranho naquele sofrimento. Havia — e ele próprio não teria sabido explicar com clareza, naquele estado — uma qualidade diferente de quando se é simplesmente infeliz. A infelicidade comum é barulhenta por dentro. Este sofrimento era silencioso. E no silêncio, algo começava a se ouvir que o barulho de antes não permitia.



DIPÉ — INTERIOR

Não sei bem quantos dias e noites passei assim. A água salgada é amarga, mas eu descobri que existe algo mais amargo que água salgada: o nome do Altíssimo quando se tem vergonha de pronunciá-lo. Durante anos eu havia aprendido a não pronunciá-lo em certas companhias. Depois aprendi a não pronunciá-lo em companhia nenhuma, por hábito do silêncio que se torna ausência. E finalmente aprendi — se é que "aprender" é a palavra — a não pronunciá-lo sequer por dentro, para não precisar ouvir o eco.

Ali no meio do oceano, com as vagas batendo no meu rosto e o remorso batendo por dentro com a mesma regularidade insistente, percebi que o eco estava lá de qualquer forma. Que algumas presenças não precisam ser invocadas para estarem presentes. Que o silêncio que eu havia construído ao redor do nome Dele era uma casa vazia, não uma casa destrocada. E casas vazias guardam a forma do que nelas deveria estar.

Foi então — exausto, não só da luta física com as ondas, mas da luta muito mais longa e muito mais desgastante que havia travado contra o peso da minha própria existência que, longa antes daquele naufrágio, havia já se tornado vazia e sem rumo certo — foi então que desisti de lutar contra a única corrente que nunca há como vencer: a que não é de água, mas de verdade.

E em pensamento — com a voz que não precisa de ar para soar —, dirigi-me, *humilde e destrocado*, àquilo que eu sabia estar presente mesmo quando eu escolhera não escolher.

— *Senhor. Pereço. Estou em minhas últimas forças — não apenas as do corpo.*

Não há como explicar como se ora quando se está com a cabeça mal acima da água e as mãos geladas num pedaço de madeira. Não é como orar num templo, nem como orar em casa, nem sequer como orar em campo de batalha, que ao menos tem chão firme. É simplesmente ser tudo o que se é, sem reservas, sem estratégia, sem a camada protetora de palavras bonitas. É menos um pedido e mais uma rendição.

— *Eu bem mereço sucumbir e ser levado aos mares inferiores com destino incerto. Desviei-me do caminho — não por ignorância, essa seria a desculpa mais fácil. Desviei-me sabendo. Cedi aos impulsos porque eram meus impulsos, e havia naquele momento decidido que eu era a única autoridade sobre minha própria vida. Aprendi o que essa decisão custa. Mas antes de sucumbir, te peço apenas uma coisa: que o que eu aprendi aqui não se perca com meu corpo nas profundezas. Que sirva para alguma coisa maior do que minha própria salvação.*



NARRADOR — EXTERIOR

Aconteceu de modo que nenhum cartógrafo poderia registrar e nenhuma guilda poderia cobrar tarifa. As águas ao redor de Dipé agitaram-se de uma qualidade diferente — não a agitação da tempestade, que é força, mas a agitação de algo que se move com intenção, o que é coisa completamente diversa. Os ventos modularam-se. A névoa, que havia permanecido baixa e sem forma, adquiriu uma espessura que não era densa o suficiente para ser parede mas era estruturada o suficiente para ser mais do que névoa comum.

Homens que navegaram pelos Mares do Meio durante décadas — os que sobreviveram para contar o suficiente — descrevem esse tipo de momento sempre com a mesma perplexidade: não era sobrenatural no sentido de impossível, mas era sobrenatural no sentido de que a natureza havia claramente decidido fazer algo fora de sua rotina habitual, e não havia explicação meteorológica disponível.

DIPÉ — INTERIOR

Em meu coração sentiu-se uma mudança antes que qualquer coisa mudasse ao redor. É sempre assim, aprendi naquele momento: o interior avisa antes do exterior confirmar. A realidade visível não passava da última camada a ser convencida do que já fora decidido em algum lugar mais fundo.

Reconheci a qualidade daquele silêncio. Era o mesmo silêncio que minha mãe ensinava a cultivar quando criança, o mesmo que meu pai chamava de "a vela que o vento de cima enche" — aquela disposição interior de quem parou de remar com os próprios braços e deixou a corrente mais profunda fazer seu trabalho.

"Por que temes, ó alma cansada? Não estás sozinho em tua jornada."

Não era voz de fora. Não era voz de dentro. Era — e não tenho palavra melhor para isso — voz de onde as duas coisas se encontram. O lugar onde o que sou encontra o que existe além do que sou. Margem e centro de mim mesmo. Fronteira entre o homem que afunda e a água que, de repente, sustenta.

— *Estou cansado* — disse-me a mim mesmo, ou disse à voz, ou disse a ambos ao mesmo tempo. — Cansado de lutar contra correntes que parecem nunca cessar.

E num grito que soltei sobre o oceano aberto — a primeira vez que ouvia minha própria voz em dias, rouca e partida e mais honesta do que qualquer coisa que eu dissera na sala de chás com os três homens de mãos limpas —:

— *Onde estavas quando o mundo desabava sobre mim?*

Desabei em choro. O suave salgado das poucas lágrimas que restaram em meu corpo misturou-se às águas do mar com o absurdo incomensurável de ser humano dentro do oceano: tão pequeno que qualquer lágrima que eu acrescentasse àquelas águas seria imperceptível. E ainda assim chorar foi o ato mais importante que eu havia praticado em anos.

"Em cada tempestade, em cada lágrima, Eu estava e estarei contigo — mesmo quando não podias, e quando não possas, Me ver."

As águas ao redor de mim tornaram-se mais suaves. Não da forma como o mar acalma depois de uma tempestade — gradualmente, com restos de raiva ainda nas ondas. De outra forma: como alguém que estava agitado e se lembra, de repente, de que não há razão para estar.

A temperatura da água modificou-se. Envolvia-me agora com uma mornidão que não era natural para aquelas latitudes naquela época do ano, que qualquer marinheiro experiente teria classificado como impossível, e que eu recebi como o que claramente era: um abraço. Não metafórico. Físico. Como filho devolvido ao colo maternal depois de muito tempo fora.

— *Será que existe um porto seguro para minha alma? Ouço tua voz — que parece vir dos Mares de Cima, os quais nunca naveguei. Mas quem és tu?*

| *"Eu sou o farol que guia os perdidos. A esperança que brilha nas trevas. Sou o amor que não vos falha."*

No momento em que ouvi aquilo, vislumbrei ao longe uma luz suave. Não a luz do Promontório Silenciado — aquela havia ficado para trás, do outro lado do vórtice, do outro lado de tudo que eu havia sido até então. Era uma luz diferente. Mais baixa. Mais próxima. E o que parecia ser, finalmente, terra firme.



NARRADOR — EXTERIOR

As primeiras horas do amanhecer encontraram Dipé num estado que não era exatamente consciência e não era exatamente inconsciência: era aquela região intermediária onde o corpo age por seus próprios mecanismos enquanto a mente descansou de si mesma. Seus braços continuavam a mover-se. Seus pés, que já não sentiam a diferença entre a prancha e a água, continuavam a bater de forma rítmica e automática.

Não havia como determinar depois — e Dipé nunca seria capaz de reconstituir com precisão — quantas horas houvessem decorrido entre a voz e a areia. Mas havia areia. Isso era incontestável, concreto, maravilhoso na sua banalidade: areia. O tipo de coisa pela qual a pessoa não tem pensamento de gratidão nenhum durante toda uma vida, até o momento em que a sente sob os pés depois de não tê-la.

DIPÉ — INTERIOR

Senti meus pés tocarem o solo arenoso. A transição da água para a terra firme aconteceu de uma forma tão gradual que não houve um momento claro de chegada — apenas o ponto em que percebi que estava de joelhos numa praia com areia nas mãos e não havia mais oceano me cobrindo.

Não gritei. Não chorei de novo. Não tinha mais qualquer sinal de água em mim. Estava vazio e pleno. Fiquei ajoelhado por um tempo que não soube medir, com as mãos espalmadas na areia úmida, sentindo o peso extraordinário e absolutamente comum de estar vivo.

E ouvi, naquele silêncio de chegar, algo que não era voz mas era tão claro quanto qualquer voz que eu já houvesse escutado:

"Eu sou teu porto seguro. Minha Lei é a terra firme em que podes pisar, ainda que desconjuntado. Tua caravela naufragou, é verdade — mas Eu te tirarei das águas, sempre. Vai e constrói outra. E mais outra. E quantas forem necessárias. Para que um dia chegues ao oceano infinito de meu coração misericordioso."

Fiquei assim por um tempo. A areia esfriava sob os joelhos. A maré subia lentamente ao redor de mim, como se o mar não estivesse pronto para me deixar

partir completamente — mas já não com violência: apenas com a persistência de quem lembra que sempre estará por perto.

Desmaiei — sabendo apenas, e isso era por ora suficiente, que havia chegado.



Fim do Capítulo 1 — A Cruzada dos Oceanos